

Julieta Jerusalinsky (2008). Angústia na pós-maternidade. *Revista da APPOA* Os tempos do sujeito. N. 35. Porto Alegre: APPOA, julho/dezembro 2008.

## Angústia na pós-maternidade<sup>1</sup>

Julieta Jerusalinsky<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente artigo, a partir de vinhetas clínicas, considera como a diversificação da realização fálica das mulheres, longe de consolidar uma potência do matriarcado, produz um incremento da angústia experimentada por mulheres na pós-maternidade.

**Palavras-chave:** angústia, maternidade, castração, relação mãe-bebê, complexo de Édipo.

**Título em inglês:** Post-maternity angst.

**Abstract:** This paper draws on clinical vignettes to consider how the present diversity of women's phallic achievements, rather than consolidating a patriarchal potency, actually causes an increase the angst experienced by post-maternity women.

**Keywords:** angst, maternity, castration, the Oedipus complex.

Gostaria de partilhar com vocês algumas reflexões acerca do comparecimento da angústia na maternidade, considerando certas atualizações que a modificação do lugar social das mulheres lhe imprime.

O ar dos tempos tem seus efeitos sobre o padecimento, na medida em que tanto o sintoma quanto a angústia não são produções individuais ou isoladas, dizem da posição do sujeito perante seu Outro e, portanto, também perante o viés que dele encarna o discurso social. O que outrora poderia parecer parte inevitável dos percalços de se viver pode passar a ser considerado uma experiência intolerável, e a ansiedade implicada nos acontecimentos da vida pode assumir para o sujeito a dimensão de um pânico insuportável. O discurso social modifica os nomes dados ao sofrimento e afeta a relação do sujeito com este. Assim, as estruturas clínicas se atualizam e configuram respostas singulares do sujeito ao seu tempo.

Nesse sentido encontramos como a diversificação da realização fálica das mulheres - outrora socialmente endereçada à realização de um bom casamento ou a ter bebês - , que agora passam a ser autoras de trocas fálicas ao trabalhar, ganhar seu dinheiro e ter direitos de cidadãs<sup>3</sup>, tem efeitos no exercício da maternidade, que comparecem com uma tal insistência na clínica que não podemos fazer a isso ouvidos moucos.

Se o que é próprio do sujeito na modernidade é a possibilidade de escolha, fundada em um individualismo romântico que postula a liberdade de cada um, sabemos que isso acarreta o ônus da responsabilidade por realizar escolhas das quais não se tem garantias,

<sup>1</sup> O presente trabalho foi apresentado no Congresso da Angústia da APPOA em 2008. Integra o projeto de doutorado em andamento pela PUC-SP, junto ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck.

<sup>2</sup> Psicanalista, psicóloga, membro da APPOA, do Centro Lydia Coriat de Porto Alegre e da Clínica Interdisciplinar Dr. Mauro Spinelli em São Paulo, professora de pós-graduação na COGEAE PUC-SP, mestre e doutoranda em psicologia clínica pela PUC-SP, autora do livro: *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*.

<sup>3</sup> KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

correndo o risco de se enganar, de sair perdendo, e até mesmo de se perder ao desencontrar-se da referência simbólica que permitiria representar o vivido.

Na clínica constatamos como a diversificação da realização fálica das mulheres, longe de consolidar uma espécie de potência do matriarcado<sup>4</sup>, pode vir a produzir um incremento da angústia que emerge no exercício da maternidade.

Se Freud nos fala de uma equação simbólica pênis = falo = bebê estabelecida para a menina após o complexo de Édipo, encontramos | hoje em dia que a chegada do bebê freqüentemente é antecedida por outras equivalências fálicas. Que a equação seja pênis = falo = trabalho = autonomia financeira = | bebê não é indiferente para os desdobramentos subjetivos que uma mulher precisará operar para o exercício da maternidade, que, em si mesma, passa a ficar situada não mais como uma conseqüência natural do exercício sexual, mas como uma escolha.

Este é o caminho que propomos percorrer.

Mas, de partida é preciso deixar claro: que a angústia se apresente como um afeto implicado na maternidade não é em si nenhuma novidade. Justamente pelo fato de que virar mãe, ou virar mãe de um novo filho, é um advento desses que se apresentam como cruciais na construção da subjetividade - por ser um desses momentos da vida que exigem um reposicionamento do sujeito diante do Outro e que, portanto, pode ser acompanhado por uma emergência da angústia. Como a própria expressão aponta, virar mãe é um ponto de virada, e, não casualmente, como nos recorda LACAN, Jacques ([1962-1963] 2005 p. 19-20) um dos nomes da gravidez, em espanhol, é *embarazo*.

Dar contorno ao corpo, inscrever as bordas erógenas nos primórdio da constituição subjetiva do bebê, exige da mãe uma posição psíquica bastante peculiar situada por Winnicott como *preocupação materna primária* (1956, p.407-411). No início da função materna podemos encontrar uma sensibilidade exaltada, um estado de ansiedade expectante da mãe diante das demandas urgentes que supõe com seu saber e que articula a uma leitura realizada a partir das manifestações corporais do bebê. Esta ansiedade expectante implica uma posição psíquica de prontidão da mãe nos primeiros tempos de exercício de sua função, fazendo com que mãe (no sentido de quem exerce essa função) seja a mais habilitada a dar contenção ao bebê apesar de sua própria incontinência.

Se isso não é em si angústia, no entanto, está na soleira dela, pois dar borda a um corpo (o do bebê) exige da mãe o intenso exercício de recapitular inconscientemente, de repuxar, a cada operação de cuidado com o bebê, as inscrições de sua própria história libidinal, seus próprios pontos de amarra psíquica, seus próprios *pontos de capiton*.

Há uma interrogação que subjaz todo o exercício da maternidade nos primeiros tempos do cuidado de um bebê: “O que queres?” Ou ainda: “O que será que queres agora?”- dado que, em momentos distintos, a demanda assume diferentes significações e será, portanto, mediada por diversos objetos de satisfação. E, mais ainda, na medida em que a mãe se situa como destinatária de tais demandas supostas ao bebê, “O que será que agora queres de mim?”<sup>5</sup>, “Que me queres?”

Tal interrogante convoca o saber inconsciente da mãe a funcionar a todo vapor. Mas, pela infundável demanda que um bebê faz comparecer, não raramente, em algum momento, pode ser experimentado como uma interpelação na qual uma mulher se encontra na posição de ter de dar conta de ser mãe sem jamais estar de antemão precavida acerca de todas as

<sup>4</sup> Recordamos aqui como esta questão da possibilidade de que o falo passe do homem à mulher poderia configurar um matriarcado é trazido à discussão por Jacques Lacan, O seminário, livro 4, aula de 27 de fevereiro de 1957. Transcrição em versão eletrônica estabelecida para circulação interna pela Escuela Freudiana de Buenos Aires.

<sup>5</sup> LACAN, Jacques (1962-1963). *O seminário, livro 10, A angústia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 14.

vicissitudes de sê-lo para esse bebê, e, portanto, apercebendo-se de que é preciso sê-lo sem roteiro.

“Como cuidar do bebê?” “Como retomar a vida com e após esse bebê?” São interrogações que, em sua vastidão, revelam a angústia que freqüentemente testemunhamos na clínica com bebês e suas mães. Revelam que, na passagem à maternidade, pode se perder a referência que permite separar a ansiedade necessária implicada nos primórdios desse exercício, de um afeto perturbador que invade o corpo materno diante dos cuidados com o bebê, e que passa a ser experimentado como desamparo, estranhamento, perseguição, sentimento de dissolução, entre tantas outras formas da angústia.

Uma paciente me procura, pois, após o nascimento do seu bebê, passou a ter, em suas palavras, “obsessão por limpeza” e pergunta se teria TOC (transtorno obsessivo compulsivo, sobre o qual, é, claro, já leu na internet, quase fechando seu autodiagnóstico em uma identidade nosográfica que torna anônimo seu sofrimento. Digo quase pois está disposta a falar e a se interrogar acerca dele). Ao se pôr a falar, localiza que a obsessão por limpeza não foi imediata ao nascimento, mas a uma mudança de casa decorrente do novo projeto habitacional e familiar pensado para o bebê.

Conta, sem, a princípio, dar muita importância a isso, uma cena ocorrida no dia da mudança de casa. Diz: “A casa estava encaixotada, tudo fora do lugar e todos saíram. Fiquei sozinha com o bebê. Ele fez cocô. Comecei a trocá-lo e, bem nessa hora, faltou luz. Me vi no escuro, sozinha e precisando trocar o bebê sem ver. Ele chorava e eu comecei a chorar junto com ele. Nisso chegou o meu pai e me disse que agora eu era a mãe, que tinha que dar conta. Ao invés de me acolher, ele me deu uma paulada.” O nome do bebê é Paulo (nome fictício mas que guarda a transliteração produzida pela paciente entre o golpe e o nome do bebê, do qual ela se apercebe).

Após a evocação de tal cena, percebe que o que a preocupa não é qualquer sujeira, mas justamente “procurar limpar a que não se vê”. Evoca ainda que o momento mais perturbador é o de procurar estabelecer a separação entre um lugar extremamente contaminado, o trabalho (trabalho este que afirma ter lhe valido o reconhecimento preferencial do pai em relação aos outros irmãos), e o espaço dentro da casa, no qual, como mãe, “precisa proteger o bebê”.

Conta que primeiro ficou com muita raiva do pai por sua atitude, mas que, pouco tempo depois, este começou a “fazer e dizer coisas que pareciam de criança”, e que ela começou a pensar se ele “não estaria ficando gagá”. “Foi outro golpe, eu não sabia o que fazer, mas não tem mais como voltar atrás. Parece que perdi o direito de ser filha. E ser mãe é pra sempre. Sinto um aperto no peito. Às vezes parece que vou explodir... me pergunto por que fui colocar um filho neste mundo”- afirma.

É a partir dessa angústia experimentada como desamparo que se constitui para ela, como sintoma, a obsessão por limpeza. Trata-se de uma mensagem desesperada endereçada a procurar realocar uma referência, um reconhecimento na filiação, após ter ouvido palavras que a interpelam, não só por fazê-la vacilar de seu lugar no amor paterno, mas da própria legitimidade da palavra do pai. Sem ter desde onde sustentar-se para fazer frente à demanda pela qual se sente interpelada, sente-se ela mesma desvalida perante o desamparo de seu próprio bebê, “sem ter como protegê-lo apesar de todo o esforço”. É aí que o sintoma produzido para procurar estancar a angústia, como tantas vezes acontece, faz a angústia voltar a emergir. Por mais que lave as mãos, não consegue livrar-se de todos os pensamentos mortíferos que a assaltam em relação ao bebê.

Apesar de vir exercendo a maternidade com bastante eficácia, como é possível constatar pela constituição de seu bebê trazido a tratamento, recrimina-se por não conseguir dar conta de ser uma mãe à altura de seus ideais, e, inclusive, de precisar buscar tratamento.

Compara o que considera a incapacidade de cada um de seus atos à capacidade de outras mães, erigindo o ideal da maternidade a uma posição cruelmente persecutória.

Fala de sua mãe, da eficácia dela, sua dedicação exclusiva aos filhos, mas, ao mesmo tempo, considera que esta “não foi uma pessoa feliz”, que, diferentemente dela, “teve um casamento sem amor, deixando-se levar pela vida sem saber pra quê, sem pensar nas suas escolhas”.

Uma possibilidade se abre ao situar que sua angústia, e até mesmo o tratamento, poderiam ser um modo de ela construir singularmente sua maternidade e não mais demandar uma psicopatologia *prêt-à-porter*.

Reorganizar a vida, reorganizar um sintoma, exige um considerável trabalho de retomada da história, pela qual certas questões estruturais se reapresentam, são revisitadas e, ao mesmo tempo, atualizadas.

Em tempos em que a duração dos laços conjugais, das configurações familiares, dos laços profissionais e até mesmo da cidadania revelam sua instabilidade, mais a relação mãe-filho parece ser erigida como um ideal, como um dos últimos bastiões intocados de um amor suposto incondicional e naturalizado.

Ao mesmo tempo em que socialmente se fomentam linchamentos morais diante de atos de abandono de bebês, mais mães chegam horrorizadas com a sua própria ambivalência e com o fato de o amor ou saber materno não serem “automáticos” - nas palavras de uma paciente -, e de como este amor é atravessado, nem que seja fugazmente, por um profundo estranhamento.

Retomando um ponto específico acerca do que poderíamos chamar da angústia de castração e inveja do pênis pós-maternidade, lembremos que Freud aponta a equação *pênis = falo = bebê*<sup>6</sup> como via preponderante de realização, do gozo fálico para mulheres. “*Um dia poderás ter um bebê*” é a promessa articulada para a menina após o complexo de castração e que lhe permitiria a entrada do complexo de Édipo.

Mas o que viria após a maternidade? O que podemos escutar hoje de mulheres em análise após o encontro com o tão prometido e esperado falo = bebê?

O fato é que, nos últimos cem anos, houve uma diversificação na aposta de realização fálica das mulheres. As meninas não brincam só de mães que cuidam bebês, cozinham, decoram a casa ou abastecem o lar. Elas brincam de trabalhar, de ser aventureiras que ganham o mundo e de super-heróínas poderosas e destemidas – claro, ressalva seja feita, o fazem sem esquecer o detalhe do penteado e a combinação do vestuário<sup>7</sup> caso algum príncipe desavisado esteja passando por ali. Isso ocorre sem que aos pais e tampouco aos psicanalistas da atualidade tais jogos resultem demonstrações de quaisquer dificuldades na resolução de suas equações simbólicas. Pelo contrário, afinal elas formulam respostas, por meio do brincar, aos ideais-do-Eu próprios de seu tempo e cultura. Nada mais pertinente.

Há pouco tempo, em uma festa à fantasia de crianças, como é o usual, circulavam meninos vestidos dos mais variados super-heróis e meninas vestidas das mais diversas princesas. Chegou então a hora da apresentação de capoeira, e a roda foi devidamente composta por meninos e meninas – entre os quais uma linda Rapunzel de cinco anos vestida

---

6 FREUD, Sigmund. (1925), pág. 223.

7 Ou seja, se lançando em um viés de realização fálica - na ordem do ter coragem, ousadia, valentia, poderes que se recortam do corpo que se destacam falicamente dele - mas sem deixar de articular outra dimensão do gozo que retorna sobre o próprio corpo, por meio do detalhe capaz de tornar esse corpo belo, mascarando-o de ser o falo capaz de despertar o desejo de alguém.

de branco e cintilante cetim, com uma trança de cabelos negros que lhe chegava à altura dos joelhos. Chamada ao jogo, arregaçou o longo vestido e pôs-se a arremessar chutes, virar estrelinhas e plantar bananeiras, enquanto procurava esgrimir-se elegantemente de suas longas trança e saia. Não era pequeno o esforço exigido nesse árduo desdobramento. Todos aplaudiam regozijados: sem dúvida estávamos diante de uma verdadeira princesa de nossos tempos!<sup>8</sup>

Não pude deixar de me enternecer com o espetáculo, talvez de um modo menos regozijado que a platéia, considerando não a particular posição de tal menina – da qual afinal pouco sei –, mas a de muitas outras meninas-mulheres que escutamos na clínica e que continuam a desdobrar-se entre diferentes gozos implicados em ser mulher, ser mãe e ser profissional.

As pequenas princesas da atualidade assim seguem brincando. Na adolescência e juventude fazem seus jogos amorosos -com lugar a mais ou menos exercício da feminilidade- e suas escolhas profissionais -como uma aposta fálica, geralmente digna de ser considerada em posição de simetria com a de qualquer outro colega ou irmão do sexo masculino. Nada mais comum, dado que o ideal de realização profissional e sustento econômico próprio ocupa, em grande parte das famílias da atualidade, uma posição de aparente simetria na dívida simbólica e realização de ideais, tanto para os filhos homens quanto para as filhas mulheres.

Na análise de jovens pacientes podemos escutar o quanto, para muitas delas, ainda que ter um bebê apareça como desejável, no entanto freqüentemente isso aparece como uma realização lançada a um horizonte bem distante, depois de tantas outras<sup>9</sup>. Isso não impede que gravidezes não planejadas ocorram de modo irruptivo e que este desejo negado assuma a significação de uma ameaça a uma série de outras realizações esperadas (tais como formação acadêmica, independência econômica, ou inserção profissional).

Tampouco é pouco freqüente que cheguem a tratamento mulheres que, após terem postergado durante anos o projeto de ter um bebê por priorizar à realização econômica ou profissional, ao se encontrarem em idade limite da fertilidade, sejam invadidas pela irrupção da angústia diante do destempo experimentando entre o que seria um tempo subjetivo necessário para percorrer as equivalências fálicas antes de chegar ao bebê, o tempo cronológico implicado em tais realizações e o limite temporal imposto pelo real do corpo à fertilidade.]

Após o advento da maternidade e da realização de ter um bebê podemos constatar em diversas mulheres, muitas das quais, inclusive, que exercem de modo extremamente desejoso e amoroso a maternidade, mais do que uma resolução da angústia de castração um novo comparecimento da mesma; mais do que um apaziguamento da disputa fálica, seu recrudescimento.

Nas palavras de um esposo: “*Depois que ela virou mãe despertou uma agressividade até então para mim desconhecida*”. Nas palavras de uma mulher se digladiando entre o impossível cálculo de investir de modo pleno em duas realizações fálicas ao mesmo tempo – a maternidade e a profissão- e, comparando-se ao marido: “*Quisera eu ter um pau no meio das pernas para poder pôr o meu trabalho em primeiro lugar*” – direito do qual um dia de fato supôs ter usufruído, mas que, ao tornar-se mãe, sente que perdeu. Por outro lado revela a

---

<sup>9</sup> Se, como Freud nos aponta, é longa a espera que a menina precisará fazer, após a entrada no complexo de Édipo, até que chegue o tempo de ter um bebê, tendo que, inevitavelmente sofrer tal espera, é interessante fazer notar que, quando é chegado o tempo em que efetivamente poderiam ter um bebê, tantas mulheres escolham postergar tal realização a um tempo distante, que parece não implicar-se com o modo em que efetivamente conduzem suas escolhas. Claramente, não estamos nos referindo aqui a mulheres que escolhem legitimante não ter filhos, mas de algumas que parecem insistir em manter, perpetuar, em uma esfera onífrica tal realização (almejada e postergada).

ilusão de que, ao tê-lo (o pau no meio das pernas), poderia fazer a função fálica valer de modo mais competente que esse homem.

Que uma mulher faça usufruto de um gozo fálico não impede que visite uma condição feminina. Ou seja, o fim passivo (de ser amada e desejada) que se joga na posição erótica feminina não se estende necessariamente à condição social de uma mulher, assim como seu papel ativo na sociedade não tem por que impedir que, para além de tais realizações fálicas, usufrua de um gozo feminino.<sup>10</sup>

Assim, maternidade e trabalho são vividos imaginariamente como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestimento proporcional do outro. É aí que a angústia de castração vem bater novamente à porta, ou melhor, entra sem avisar.

Queixam-se as mulheres na pós-maternidade de que estão em posição assimétrica para com os homens em relação ao trabalho. Assim, a maternidade vêm devolvê-las a um lugar de assimetria, após um tempo em que consideraram estar *em pé de igualdade* –ou “*taco a taco com os homens*”, nas palavras de uma paciente – no tempo, mais uma vez dado como perdido, em que *teriam tido* a mesma possibilidade de realização fálica que os meninos, mas que *perderam*. Reedita-se assim a angústia de castração.

Assim, a experiência da maternidade costuma produzir em uma mulher um intenso sentimento de realização ao mesmo tempo em que a leva a um reencontro com a sua própria condição feminina, uma vez que a cena ou a “paisagem” da castração materna é agora revisitada não mais desde a condição de criança, mas desde um novo ponto de vista que só se adquire ao ultrapassar a condição de filha, indo mais longe nessa viagem e *após percorrer um caminho tão longo*<sup>11</sup>: o ponto de vista do lado da mãe.

Se para as primeiras gerações de mulheres trabalhadoras a questão de que o faziam “por gosto e escolha” as lançava a uma posição de terem de suportar a sobrecarga de seus diferentes afazeres, as mulheres-mães-trabalhadoras da atualidade parecem muito menos dispostas a arcar sozinhas com tal modo de organização social, convocando os homens-pais a também se ocupar dos bebês. Surgem assim novos termos, tal como o *pãe*, para denominar o pai que se ocupa também dos cuidados do bebê.

No entanto, para além das questões práticas do cotidiano, o lugar ocupado pelo bebê na economia psíquica de alguém que está em posição feminina ou masculina não é o mesmo. E muitas mulheres só se apercebem disso com um tremendo mal-estar na medida em que se deflagra a diferença sexual.

O bebê, para uma mulher, ao mesmo tempo em que pode produzir uma articulação da equação fálica (trazendo assim uma realização) também faz comparecer uma falta (a descompleta). Diante da realização de ter um bebê surge a ameaça da perda da colocação profissional e/ou do próprio corpo como objeto do desejo.

É fato que o cobertor fálico sempre é curto. Ao espichá-lo daqui ele descobre dali. O que é próprio da angústia de castração é o esteio deixado pela retirada do falo que se evanesce, pelo que aparece toda vez que o fluxo fálico recua e se mostra a areia, nos diz

---

<sup>10</sup>Freud mesmo nos aponta esta questão ao afirmar que “*talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação sexual, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida (...) devemos, contudo nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva*”Freud, Sigmund (1933), p. 143.

<sup>11</sup> Idem , p. 302.

Lacan.<sup>12</sup>

Escutamos mulheres evocarem os primeiros tempos dedicados aos cuidados de um bebê de modo extremamente ambivalente: por uma lado desfrutando do idílio do estar “fora do mundo com esse bebê”, por outro, referindo o insuportável do estar “fora da circulação social” do trabalho, da produção cultural, do desejo sexual. Por um lado almejando “sair para trabalhar” e, por outro, “não conseguindo tirar o bebê da cabeça”.

Em qualquer um dos pólos a angústia comparece:

- *Às vezes sinto que eu desapareci* - diz a mãe de um bebê, revelando a afânise<sup>13</sup> que se apresenta como um dos modos da angústia na maternidade pelo temor de apagamento do sujeito diante de um objeto outrora tão desejado e agora supostamente presentificado.

- *“Depois que nasce é muito estranho. Ter um bebê não é aquilo tudo! E a vida já não é mais a mesma. Perdi minha liberdade, não posso mais ir e vir”* - afirma outra mãe.

O sofrimento com “o fora de circulação social” costuma vir a apresentar-se sobre o fundo de que o bebê não cumpre plenamente com a promessa fálica e, apesar de todas as exigências produzidas pelos cuidados que a mãe precisa dirigir-lhe, ele nunca é um falo que se mantém em potência, ele esvaece. Esta necessária desilusão com o “pequeno” confronta sem piedade, mais uma vez, uma mulher à angústia de castração – na medida em que, mesmo depois de “ter um bebê” ela não é detentora do falo.

Freqüentemente tal percepção conjuga-se com o temor de tampouco poder voltar a reconstituir uma *mascarada*<sup>14</sup> que lhe permitisse ser suposta no lugar de quem, mesmo não tendo o falo, poderia sê-lo para alguém. Nesse sentido vão as insistentes queixas de “ter perdido os atrativos físicos” ao ter virado mãe. Temos aí duas caras da angústia de castração – a de não ter e tampouco ser o falo, no sentido de temer não poder retornar à posição de encarnar o falo a partir do desejo do Outro.<sup>15</sup>

Após a licença maternidade, o retorno ao trabalho e à circulação social tampouco vêm devolver compulsoriamente aos investimentos fálicos sua estabilidade, na medida em que o temor de expor o bebê a uma falta excessiva - que supostamente caberia a ela, enquanto mãe, saber dosar - freqüentemente assalta angustiosamente essas mulheres-mães-trabalhadoras.

- *Meu filho me virou a cara quando voltei do trabalho* - afirma uma mãe que, onde esperava encontrar o olhar desejoso de seu bebê, como num quadro de Magritte<sup>16</sup>, se encontra com sua nuca. A angústia de estranhamento passa, nesse momento, para o lado da mãe.

Tal é o cálculo do gozo fálico diante da maternidade, ou perde-se o bebê, ou perde-se o trabalho, ou perde-se o próprio corpo como fálico.

Se a oposição imaginária entre profissão e maternidade experimentada por mulheres na atualidade não foi calculada na equação de Freud ela, mais uma vez, vem atualizar a velha questão dos efeitos produzidos pela angústia de castração para uma mulher. Nesse sentido a maternidade, mais do que resolvê-la, vem relançá-la, ao deslocar metonimicamente a

<sup>12</sup> LACAN, Jacques. (1962-1963), pág. 293.

<sup>13</sup> LACAN, Jacques. (1964), pág. 226-229.

<sup>14</sup> RIVIÉRE, Joan (1929).

<sup>15</sup> *O fato de ela se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico.* LACAN (1957), pág. 393.

<sup>16</sup> MAGRITTE, René, *La Reproduction Interdit* (1937).

castração ao longo dos termos da equação fálica que jamais efetuam entre eles uma plena substituição.

Escutar mulheres no puerpério e com pequenos bebês nos demonstra que a maternidade, longe de ser uma tranqüila resolução da antiga questão que habita cada mulher acerca de como lidar substitutivamente com o falo, relança a angústia de castração e a divisão da mulher diante de diferentes modos de gozo –atualiza assim para ela sua condição de *não-toda* no gozo fálico.

- *Agora que você é mãe verá o que é nunca mais estar inteira em lugar algum* - é a frase dita por uma amiga de uma paciente e por ela evocada acerca do afeto nela despertado após a maternidade.

E, por acaso, antes disso ela estaria inteira? Certamente não.

Em todo caso a maternidade escancara não só a angústia da castração e a evanescência do falo, mas a divisão da condição feminina, na medida em que ser mãe não responde o que é ser mulher e diante da qual a inveja do pênis comparece como engodo.

Muito se diz: ser mãe é padecer no paraíso. Este parece ser um modo de fazer desembocar a maternidade em um gozo masoquista, o que é bastante usual por sinal, mas não necessariamente intrínseco à maternidade.<sup>17</sup> Ali, para além de experimentar prazer na dor, busca-se provocar a angústia do Outro<sup>18</sup>.

Talvez isso nos indique o absurdo de procurar encerrar aquilo que diz respeito ao bebê a uma medida da equação fálica, o que torna a questão um círculo infernal<sup>19</sup>. Se de fato considerarmos que a maternidade faz uma mulher revisar os caminhos possíveis perante a castração podemos considerar que, para além da equivalência fálica, haja a possibilidade de fazer na maternidade atos de criação, de exceção, que em lugar de buscar a complementariedade com o bebê possibilitem inventar suplementarmente pela via de um gozo Outro.

Por que não contemplar a possibilidade de fazer com a maternidade um pouco de humor no inferno?

Acerca disso, evoco, para terminar, um pequeno chiste inicialmente involuntário produzido por um casal exausto com os cuidados exigidos pelo pequeno bebê.

Resulta que, no meio da noite, um cutuca o outro para decidir qual deles vai, dessa vez, atender o bebê. Finalmente a mãe diz ao pai:

- *Vai, vai lá! E não esquece que tem que trocar o bebê.*

O pai, quase em estado de sonambulismo, responde:

- *Trocar? Trocar pelo quê?*

Com o qual os dois caem na gargalhada.

#### Bibliografia:

- DEUSCH, Helen. O Masoquismo "feminino" e sua relação com a frigidez (1929), Décimo Primeiro Congresso Internacional Psicanalítico, Oxford; traduzido in: *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p.10-13, 1990.

<sup>17</sup> Diferentemente dos postulados de Helen Deusch (1929).

<sup>18</sup> LACAN, Jacques. (1962-1963), pág. 195.

<sup>19</sup> Como nos demonstram tantos casos clínicos nos quais a criança é tomada diretamente como medida fálica da mãe. Casos em que a birra da criança, sua recusa alimentar, sua retenção de fezes se produz como uma tentativa de estabelecer uma falta nesse curto-circuito fechado em relação à demanda da mãe, que costuma revelar-se pela queixa materna de: "*eu renunciei a tudo para me dedicar a ela e ela faz eu me sentir incompetente*".



- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, ed. Imago, 1976, v. 19.
- \_\_\_\_\_. Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, ed. Imago, 1976, v. 19.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933), In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, ed. Imago, 1976, v. 22, pág. 143.
- RIVIÉRE, Joan. *La féminité em tant que mascarade* (1929). In: *La Psychanalyse*, P.U.F., Paris, n. 7, 1964.
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *El seminário de Jacques Lacan*, aula de 27 de fevereiro de 1957. Transcrição em versão eletrônica estabelecida para circulação interna pela Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5, As formações do inconsciente* (1957-1958), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 10, A angústia* (1962-1963), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. *El seminário, libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964), Buenos Aires, ed. Paidós, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 20, Mais Ainda*, (1972- 1973), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- WINNICOTT, Donald. Preocupación maternal primaria, (1956). In: *Escritos de pediatria y psicoanálisis*, Barcelona, ed. Laia, pág. 405-412.

